



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A NOÇÃO DE ERRO NA PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA E A GRAMÁTICA NORMATIVA: Reflexões sobre Ensino da Língua Materna

Autor: Jamilton Costa Pereira

*Contador, Graduando em Letras e Pós-Graduando
Programa de Pós-Graduação em Gestão Ambiental (Latu Sensu)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
jcp_jamiltoncosta@hotmail.com*

Co-autor (1): Maria do Socorro Duarte Pinto

*Pedagoga, Bel. em Direito e Pós-Graduanda
Programa de Pós-Graduação em Gestão Ambiental (Latu Sensu)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
socorrodp@hotmail.com*

Co-autor (2): Maria Kamylla e Silva Xavier de Almeida

*Professora e Mestranda
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (Stricto Sensu)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
kamylla.ufrn@gmail.com*

Co-autor (3): Geany Inácia dos Santos

*Professora e Coordenadora
Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bernardino Batista-PB (SMECBB)
Secretaria Municipal de Educação de São João do Rio do Peixe-PB (SMESJRP)
geanysantos@hotmail.com.br*

Resumo: Esta investigação abordará os pressupostos da sociolinguística no que concerne a conceitos e abordagens sobre: Língua e poder, gramática tradicional, sociolinguística, tipos e níveis de variação linguística. Com base nessas considerações é válido se questionar: Qual o papel das gramáticas normativas na concepção do erro? Este trabalho tem como objetivo geral: Analisar o conceito do erro a partir de uma abordagem sociolinguística traçou-se ainda como objetivos específicos: (i) Verificar o papel da gramática normativa na noção de erro; (ii) Entender a posição da sociolinguística sobre a língua; (iv) Compreender o conceito de variação linguística; (iii) Avaliar como a escola lida com as variedades linguísticas; (v) Investigar a abordagem (ou não) do tema escolhido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Para alcançar tais objetivos adotou-se como metodologia, consulta bibliográfica para leitura da presente pesquisa aborda. Lançou-se mão dos diversos meios de informações escritas disponíveis como livros, revistas, e materiais acadêmicos acessados na internet. Vale destacar que a mistura de normas pode incorrer a erros como apregoam os linguísticas, tendo vista que em observância a norma padrão pode-se julgar como erro uma mensagem oral transmitida pelo falante. A pesquisa apontou para considerar que heterogeneidade da língua é o que permite que as variações linguísticas sejam na sociolinguística entendida como a língua em seu pleno funcionamento e dotada do seu caráter social.

Palavras-chave: Sociolinguística. Gramática Normativa. Variação Linguística



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Quando tratamos do ensino de língua materna na escola, percebe-se que a variação linguística, muitas vezes, é relegada a um segundo plano ou é totalmente desprezada, tendo em vista que aquilo que for dissonante do que traz a norma padrão é considerado erro. Dentro dessa discussão, torna-se relevante a compreensão da noção de erro segundo a perspectiva sociolinguística, objeto de estudo no presente trabalho.

A sociolinguística nasce da percepção da relação existente entre a sociedade e a linguagem, uma vez que a primeira é fator determinante da variação da segunda. Por considerar a língua a partir do uso efetivo que os seus falantes fazem dela, os estudos sociolinguísticos foram os primeiros a compreenderem os “erros” recorrentes na língua sob um ponto de vista científico.

A língua é posta para alguns estudiosos como sendo uma parte inata e outra resultante das experiências situadas do indivíduo desde seu nascimento. Sob esse prisma, vale refletir que esta se enraíza na história e na cultura do povo. Como as mudanças culturais e históricas em grupos humanos diversos são permanentes, a língua sofre variações, de modo que marcar as mudanças estruturais linguísticas, em certa e errada, parece ser um contrassenso.

Neste sentido, muitos são os estudos em linguística que buscam pontuar as variedades da língua de determinados membros de uma dada sociedade, aquelas consideradas sob a égide de tempo e contexto social. Nisto, destaca-se Martins (2010), que sublinha a variação da língua no tempo, como resposta aos interesses culturais locais.

Essa variação como marca do processo comunicativo de comunidades diversas é posto pelos estudiosos como algo inerente à comunicação. Cagliari (1999 apud Silva, 2011), corroborando sobre o fato, afirma: “Todas as variedades, do ponto de vista estrutural linguístico, são perfeitas e completas entre si. O que as diferencia são os valores sociais que seus membros têm na sociedade.” Pelo o proposto, o autor remete a inferir que as variações em uma determinada língua, ocupam um status que depende muito mais do lugar social ocupado pelo falante. Moreira (2011) enfatiza também a posição social daquele que fala como determinante na noção do que é aceito ou não como erro.



Se a noção de erro no contexto social comunicativo tem por base a verticalidade da pirâmide social, para os estudiosos da sociolinguística o pressuposto para competência no uso de uma determinada língua está marcada pela natividade daquele que fala. Corroborando com a assertiva temos em Bagno (2005 *apud* Silva, 2011, p. 110):

Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua. Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar.

Com base nessas considerações é válido se questionar: Qual o papel das gramáticas normativas na concepção do erro? Certamente o leque de perguntas oriundas do fato de que a língua, no processo comunicativo, sofre mudanças (provenientes do tempo e contexto sociais), é extenso. Porém, sabe-se que muito são as contribuições investigatórias acerca da temática, de modo que a pretensão dessa pesquisa é coadjuvar com os estudos até então realizados. A partir do tema “A noção de erro na perspectiva da Sociolinguística” a investigação abordará os pressupostos da sociolinguística no que concerne a conceitos e abordagens sobre: Língua e poder, gramática tradicional, sociolinguística, tipos e níveis de variação linguística. Este trabalho tem como objetivo geral: Analisar o conceito do erro a partir de uma abordagem sociolinguística traçou-se ainda como objetivos específicos: (i) Verificar o papel da gramática normativa na noção de erro; (ii) Entender a posição da sociolinguística sobre a língua; (iv) Compreender o conceito de variação linguística; (iii) Avaliar como a escola lida com as variedades linguísticas; (v) Investigar a abordagem (ou não) do tema escolhido nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Para alcançar tais objetivos adotou-se como metodologia essencialmente por consulta bibliográfica para leitura da presente pesquisa aborda. Lançou-se mão dos diversos meios de informações escritas disponíveis como livros, revistas, e materiais acadêmicos acessados por meio da internet. A interação dos investigadores foi subsidiada, sobretudo, pela web.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Contudo, a interação presencial foi uma marca para que as trocas de ideias, reflexões e conclusões fossem definidas e marcadas como registro nas páginas desse trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Língua e poder

No período de colonização portuguesa no Brasil, é pertinente destacar a imposição política e social por estes impostas a partir do domínio ideológico, cultural, religioso e, sobretudo, linguístico. A sobreposição paulatina da língua local pela língua do colonizador trouxe, dentre outros entraves, a destruição da linguagem e cultura expressiva indígena e, em consequência, a dizimação de sua população.

Como destacado anteriormente, a repressão à linguagem independe da decisão individual de determinada pessoa. Como cita Saussure (1982, p.16) “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. Como um instrumento de poder, é no âmbito social que grupos de indivíduos são impulsionados a desprezar o seu falar e concomitantemente o de sua comunidade. De maneira indissociável pela sociolinguística, então, temos o duo língua-sociedade resultando no ato linguístico.

Ainda como cita Saussure (1982, p. 17):

Poderíamos dizer que a linguagem pertence a um eu que não pode excluir o outro, isto é, a unicidade se insere na coletividade, de modo que é incoerente demandar a exclusão do indivíduo que expressa plenamente o uso da linguagem, a qual tem como produto social a língua.

O funcionamento de uma língua independe da suposta abstração do uso da mesma por um grupo de pessoas. Mais que isso, as línguas funcionam segundo a forma como seus falantes estão situados social e historicamente. É por este motivo que a língua é um forte elemento no processo de identificação social dos grupos humanos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

No Brasil, a característica social da formulação de sua “língua” e variações tem estado em pauta nos debates linguísticos-pedagógicos, como forma de grifar sua importância e sublinha-la cada vez mais no meio acadêmico. O que motiva os estudiosos é a ciência de que o conhecimento de um indivíduo poderá dar-se pela sua linguagem “Falas, que eu sei quem tu és” (CARBONI & MAESTRI, 2005, p.141).

2.3 Gramática Tradicional

A gramática tradicional, como um meio para os estudos morfológicos e sintáticos da língua, é um item presente desde a antiguidade tanto no meio acadêmico (o que hoje em dia é motivo na mesma para aprofundamentos e contestações), quanto no sistema educacional de base. No Brasil, o trabalho com a gramática pautada no tradicionalismo em escolas públicas é predominante. Esta perspectiva teórica didatizada no processo de ensino ainda é amplamente difundida nas salas de aula, de maneira que pouco tem se reciclado dos frutos provindos de discussões e estudos em academias. O conjunto de regras fixas prescritivas, como um modelo a ser seguido ignora o que cita Jovanovic (1986, p 146):

A língua não é um conhecimento estático. A competência linguística não é um produto acabado, nem tampouco um conjunto de regras (intuídas pelo falante de determinada língua natural) imutáveis no tempo e no espaço. Há fatores de natureza psicológica que interferem, de maneira direta, no conhecimento e no uso imutável no tempo e no espaço. Há fatores de natureza psicológica que interferem, de maneira direta, no conhecimento e no uso linguístico. Fatores que não devem ser desconhecidos, nem tampouco negligenciados no processo de ensino/ aprendizagem.

2.4 A sociolinguística (Variacionista/quantitativa)

A linguística tem como objeto de estudo as variações da língua. Assentado nas teorias dessa ciência pode-se marcar o fato da não homogeneidade da linguagem, nos diversos contextos de comunicação e em diferentes níveis linguísticos. Como assegura Gorski e Coelho (2009 p.76) “[...] o sistema linguístico não é homogêneo, mas é constituído de regras



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

variáveis (ao lado de regras categóricas), que atuam em todos os níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, lexical e discursivo.” Neste sentido, a heterogeneidade e o contexto no qual os sujeitos estabelecem suas interações comunicativas tem relevo fundamental para a ciência, pois são possíveis de serem sistematizados.

O estudo em torno da heterogeneidade observada costuma categorizar essa variação em torno de uma tipologia que será destacada segundo a marcação de idem(2009) em variação regional ou diatópica, variação social ou diastrática, variação estilística ou contextual

a) *Variações diatópicas ou regionais*: São as variações que acontecem por razão de diferenças de região, como, por exemplo, a palavra “abóbora”, que semanticamente tem seu nome alterado entre regiões, como é o caso de “jerimum”.

b) *Variações diastráticas ou sociais*: Variações que acontecem em detrimento da organização socioeconômica e sociocultural da comunidade. Os fatores importantes podem ser a classe social, o sexo, a idade, profissão e escolaridade. Exemplo da variação social: a vocalização do lh > i mulher / muié.

c) *Variação estilística*: São aquelas onde está impressa as variações que se manifestam nas diferentes situações comunicativas no nosso dia-a-dia. Nos contextos formais lança-se mão de uma linguagem mais elaborada, próxima da normativa em contextos informais usa-se a linguagem informal. Porém, essa polaridade na prática não é absoluta, visto que dentro da linguagem informal há diferentes variações, como também em situações cotidianas de formalidade.

2.5 Níveis de variação linguística

a) *A linguagem padrão*: Linguagem ensinada nas escolas. Este enquadramento também serve de veículo para a utilização de terminologias especiais da ciência. Geralmente é utilizada por pessoas instruídas, independente da classe social. Sua característica, dentre outras, é a adequação às normas gramaticais. Seu uso está para a linguagem escrita e literária e demonstra prestígio por parte de quem a utiliza, nos níveis sociais e culturais. Geralmente, esta modalidade da língua sofre poucas variações, é mais artificial e estável.



b) *A linguagem popular ou coloquial*: Geralmente usada de maneira espontânea e fluentemente pela população. Mostra-se indiferente à norma gramatical e é carregada de vícios de linguagem (barbarismo - erros de pronúncia, solecismo - erros de regência e concordância grafia e flexão; cacofonia; etc.), vulgarismos, gírias. Esta modalidade está presente nas mais diversas situações cotidianas como conversas familiares, amigos, anedotas, programas de TV, novelas, etc.

2.6 Conceito de erro

O preconceito linguístico em nossa sociedade é outorgado, sobretudo diante ao status conferido as prescrições coligidas na gramática normativa e as questões de ordem socioeconômicas.

No que concerne às questões presentes na gramática, vale destacar que muito mais do que ser regras a serem seguidas, as normas presentes naqueles compêndios são mais um exemplo da variação linguística nas diferentes situações de comunicação. Porém, não é raro que na escola, a gramática seja utilizada para classificar as variações da língua, mesmo em contextos de comunicação orais em torno dos rótulos “certo e errado”. Nesse sentido, o professor deve pontuar como um dos seus objetivos no ensino da língua materna, questões referentes aos valores sociais atribuídos a cada variedade linguística e se pautar dentro das questões referentes a esse fato para não avaliar o discente injustamente. Sobre essa necessidade Ricardo (2004, p.54 apud Souza, 2013) afirma.

É preciso que seja feita uma distinção funcional entre erros de ortografia que resultam na integração dos saberes no domínio da oralidade na aprendizagem da escrita e erros que se explicam porque a escrita é regida por um sistema de convenções cujo aprendizado é lento e depende da familiaridade que cada leitor vai à língua escrita.

Como referenciado na citação acima, a escrita na qual a gramática normativa ganha relevo, tem por parte do aluno uma assimilação gradativa e o êxito do processo depende muito de quão é frequente o papel do discente enquanto leitor. Ação essa, em que aquele tem



assegurado seu contato com a língua escrita. Contudo, no que concerne a linguagem oral, Idem (2013, p.54) assevera que:

A linguagem oral está (ou deve estar) sempre contextualizada, evita-se o conceito de erro nessa modalidade, pelo menos em relação ao falante nativo, por outro lado, é bom lembrar que ninguém é falante nativo da norma padrão, da língua ensinada a aprendida na escola como uma segunda língua.

Neste sentido, a noção de erro passa a ser revista, calcada para inexistência e alçada a novas denominações. Por exemplo: a noção de erro é elevada a usos diferentes em contextos específicos do emprego da língua, segundo BORTONI-RICARDO(2004), ou tentativa de acerto como proposta de BAGNO(2001), que destaca essa abordagem como pedagogicamente mais proveitosa.

Desse modo, percebe-se que até mesmo grandes autores preferem renomear o conceito de erro linguístico. Todavia há ainda outros que mantêm a dicotomia certo/errado, mas esses conceitos agora se pautam na norma a ser empregada no contexto específico de uso da língua.

2.7 Orientações dos PCN's

Os pressupostos teóricos investigados e sublinhados nesta pesquisa apontam que considerando o Brasil um país não monolíngue, o ensino de língua materna não pode desconsiderar esse fato. Contudo, vale perguntar: como os PCN's abordam a questão? Quais as orientações em torno da variedade do uso situado da língua em situações de comunicação e o ensino de Português?

Numa leitura do referido documento pode-se perceber que a questão é abordada em consonância com as propostas levantadas por os estudiosos da sociolinguística. A variação na língua é pontuada como uma marca no processo de comunicação entre falantes em contextos específicos. Sendo essa variação atemporal e independente de qualquer ação normativa. Para testificar destaca-se:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em 'Língua Portuguesa' está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998, p. 29)

Contudo, o fato do documento considerar a heterogeneidade presente em contextos situados de comunicação, não exime a escola da responsabilidade de ensinar a norma culta, como uma proposta de ampliação de domínio de uma outra variedade. Entretanto, nunca como uma proposta de unidade linguística absoluta. Cabe ao professor descobrir maneiras que motivem o aluno a usar a norma culta em contextos específicos, ajudando aquele a dirimir o fosso que existe entre a variedade trazida do contexto domiciliar e a norma culta. O propósito dessa ação didático-pedagógica deve ser sempre no sentido de possibilitar ao discente um aumento nas possibilidades de inclusão. Esse é um desafio que o docente não deve abortar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto de comunicação é comum a marcação do erro de uma determinada língua estar atrelado ao conceito de norma culta padrão. Contudo, o percurso bibliográfico realizado nesta pesquisa aponta que é preciso fazer uma distinção entre a norma culta a uma variante e a norma padrão.

Neste sentido, vale destacar que a mistura de normas pode incorrer a erros como apregoam os linguísticos supracitados, tendo vista que em observância a norma padrão pode-se julgar como erro uma mensagem oral transmitida pelo falante. Não considerar estes aspectos seria negar o objeto da sociolinguística que é a língua no contexto-social e destituir a língua de seu caráter inclusivo.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Sendo assim a pesquisa apontou para considerar que heterogeneidade da língua é o que permite que as variações linguísticas sejam na sociolinguística entendida como a língua em seu pleno funcionamento e dotada do seu caráter social.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália : novela sociolinguística**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula** . São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 1998.

CARBONI, Florence. MAESTRI, Mário. **A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes**. 2 ed. São Paulo: Expressão popular, 2005

GÖRSKI, Edair Maria. COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working papers em Linguística**, Florianópolis, v. 10, p.73-91. 2009

HELOISE MARTINS. **Sociolinguística**. Disponível em: <http://www.helomartins.com.br/temas/sociolinguistica.html>. Acesso em: 03 jan. de jan.. 2015.

JOSÉ PEREIRA DA SILVA. **O conceito de erro na sociolinguística**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/110.pdf>. Acesso em: 03 de jan. 2015.

JOVANOVIC, A. Ensino de línguas e o papel da gramática. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 12, p. 145-156.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.